

A IMPREVISIBILIDADE DOS SENTIDOS E DOS SENTIMENTOS - UMA LEITURA PARA O FUTURO A NEUROBIOLOGIA DA RELAÇÃO E DA PERCEÇÃO EM DANIEL SERRÃO

*THE IMPREVISIBILITY OF THE SENSES AND THE FEELINGS - READING FOR THE FUTURE
 THE NEUROBIOLOGY OF RELATIONSHIP AND PERCEPTION IN DANIEL SERRÃO*

Carlos Costa Gomes

Docente e investigador da Instituto de Bioética Portuguesa - Universidade Católica Portuguesa (IB-UCP), Portugal. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9627-5161>.

RESUMO: Como afirma o grande fenomenologista Marice Merleau-Ponty, filósofo de cabeceira de Daniel Serrão, “a relação com o mundo está incluída na relação do corpo consigo mesmo”. A partir da leitura de Daniel Serrão vamos percorrer os caminhos sobre os sentidos e sentimentos, estes que são incontáveis e imprevisíveis; e como o cérebro humano, esse maravilhoso órgão, por onde tudo passa, é imprescindível na determinação formal do mundo exterior para que haja mundo. Habitamos, como refere Daniel Serrão, na autoconsciência que é onde o mundo conhecido se apresenta para orientar as decisões e acompanhar os comportamentos.

Palavras-chave: Autoconsciência; Sentidos; Sentimentos, Perceção.

ABSTRACT: As the great phenomenologist Marice Merleau-Ponty, Daniel Serrão's bedside philosopher, affirms, “the relationship with the world is included in the body's relationship with itself”. From the reading of Daniel Serrão we will walk the paths on the senses and feelings, which are countless and unpredictable; and like the human brain, this wonderful organ, where everything goes, is essential in the formal determination of the outside world for there to be a world. We live, as Daniel Serrão says, in self-awareness, which is where the known world presents itself to guide decisions and monitor behaviors.

Keywords: Self-awareness; Senses; Feelings; Perception.

1 INTRODUÇÃO

Ouvir é conhecer uma certa propriedade da natureza que nos envolve e na qual estamos, irremediavelmente, inseridos e mergulhados. Acreditamos piamente, com uma fé

inabalável, que a natureza existe. Mas uma pergunta nos é devido fazer: O que é a natureza? O que é este mundo exterior?

Para esta pergunta radical, afirma Daniel Serrão, não há, ainda, uma resposta satisfatória. Sem percorrer os caminhos densos da filosofia, mas recorrendo a Kant, *a natureza é juízo do entendimento, um juízo a priori*. E Merleau-Ponty, com alguma ironia, refere o conceito da Natureza, tão acarinhado por pensadores do século XX e cita Shelling, e assinala como Bergson – *“uma inteligência fulgurante e intuitiva, tão esquecida hoje, compagina Natureza e Vida no conceito de élon vital como força criadora”*.

A ciência do século XX, em especial a Física e a Química, construíram um sólido conceito de Natureza que, infelizmente para o nosso desejo de conhecer, está apoiado em três pilares abstratos e frágeis.

- a) A Energia, que não sabemos o que é antes de se expandir e não sabemos o que é a expansão.
- b) O Espaço que é impensável antes da matéria o ocupar.
- c) O Tempo a mais ilusória e relativa de todas as concepções, nas quais a Física e a Química apoiam a sua teoria geral da Natureza como Cosmos.

A verdade é que mesmo não sabendo de ciência certa – o que é a Energia, o que é o Espaço e o que é o Tempo, sabemos que todos nós existimos num corpo natural. Todos os seres vivos, desde a célula primordial, existem no seu corpo natural e não num mundo animal em que o próprio conquista para si e que ele de certa forma se desdobra nos seus comportamentos intramundanos. Nos casos dos seres humanos e, muito provavelmente, dos animais superiores, o mundo é conhecido e integrado e é representado no mundo natural, estes vem somar-se ao conhecimento e à representação do corpo próprio.

O mundo conhecido e integrado constrói-se a partir do Zigoto e o que está na informação genómica é só a possibilidade de conhecer o que o mundo à sua volta tem para lhe mostrar. O desenvolvimento do embrião depende da epigénese e resulta do conhecimento da epigénese que é primariamente representada nos componentes químicos do citoplasma do Zigoto.

As sucessivas metamorfoses do Zigoto, como as dos batráquios ou mesmo dos insetos, são uma réplica do microssistema agindo como uma epigénese sobre o genoma.

No homem a necessidade de arquivar um sem número de estímulos epigenéticos forçam a especialização da ectoderme em um sistema de células neuronais que estão capacitadas para conhecer todos, ou quase todos, os aspetos de apresentação do mundo exterior, construindo e memorizando uma réplica desse mundo. A esta réplica chamamos conhecimento.

Ao longo da vida esta réplica amplia-se, aprofunda-se, modifica-se, esquece-se, mas é por ela que o nosso mundo é conhecido.

É nele que, de facto, habitamos. Não habitamos no ar, nos vales, nas montanhas, que são natureza exterior. Nem habitamos nas tendas dos desertos ou nos arranha-céus de um qualquer cidade. Habitamos no mundo conhecido pela percepção memorial sensitiva, sensorial e extrassensorial. Habitamos num espaço virtual, onde não se manifesta nenhuma categoria temporal – nem passado, nem presente, nem futuro.

2 DESENVOLVIMENTO

Habitamos, como refere Daniel Serrão, na autoconsciência que é onde o mundo conhecido se apresenta para orientar as decisões e acompanhar os comportamentos.

O cérebro humano. Esse maravilhoso órgão

É pelo cérebro humano, esse maravilhoso órgão, que passa tudo o que são determinantes formais do mundo exterior para que haja mundo. Como escreve Daniel Serrão, “o Mundo estava aí mas não era nada. Só existiu quando um cérebro humano o pôde conhecer e representar, por um gesto, um som ou uma palavra”.

Foi o cérebro humano que deu ao Mundo uma natureza e transformou essa natureza numa cultura especificamente humana.

E como cérebro humano a transformou?

Para citar apenas alguns determinantes formais da natureza física, Daniel Serrão alude que a nossa pele, os nossos olhos, os nossos ouvidos, o nosso nariz e a nossa boca estão constantemente a receber determinantes formais do mundo exterior: energia

fotónica, vibração do ar, força da gravidade, pressão atmosférica, temperatura e grau de humedificação do ar, o ambiente, a composição do ar respirado, a composição química do ingerimos, as moléculas odoríferas que inoculamos. Tudo isto o cérebro recebe e tudo o cérebro transforma em energia elétrica que em um milésimo de segundo percorre miríades de circuitos neuronais até emergir uma percepção consciente.

Esta capacidade, que ocorre entre os dezoito e os vinte e quatro meses de vida extrauterina, nos seres humanos, é o início da referenciação das percepções a uma consciência perceptiva individual que se recebe no uso da primeira pessoa do singular – eu.

Quando o eu se debruça saber a si próprio inicia-se a criação da autoconsciência como campo virtual onde irá manifestar-se tudo o que é especificamente humano: a descoberta do outro como um absolutamente outro, a possibilidade de o amar e respeitar em vez de o matar, a criação de ideias abstratas, a construção de uma cultura material, exterior e simbólica - o tálamo é onde chegam todos os sinais provenientes do mundo exterior e é de onde parte a energia elétrica que os representa, para atuar nas diferentes áreas do cérebro humano.

Parte desta energia elétrica é consumida para síntese, quase instantânea, nas sinapses, de mediadores químicos que modularam as respostas dos neurónios. Mas nem a excitação elétrica nem a difusão dos mediadores, que a Ressonância Magnética Nuclear Funcional mostra uma ação, diz Daniel Serrão, explica como uma vibração do ar ou uma sequência de vibrações, produzidas pelo arco que roça nas cordas de um violino, nos faz sentir profundamente felizes. Beethoven sabia que aquando os sons do seu concerto Op. 61 para violino e orquestra fossem ouvidos uma imensa felicidade inundaria a autoconsciência dos ouvintes.

Mas não sabia porquê.

E hoje o que sabem os neurocientistas

Os neurocientistas, hoje, também não sabem.

Jean-Pierre Changeux, o mais conhecido dos neurocientistas europeus, propõe uma hipótese, que reconhece indemonstrável, de a consciência dos estímulos externos resultar de estes serem integrados num espaço de trabalho cerebral total, por oposição aos espaços

de trabalho setorial e parcelares. Mas para a noção de “espaço de trabalho” não propõe nenhum correlato morfológico. Limita-se a propor uma estranha teoria de seleção darwinista entre as redes que ligam os neurónios entre si; esta seleção ativaria preferencialmente os circuitos cuja ativação criará estados de comparação afetiva positiva que se tornam conscientes para o sujeito.

António Damásio, em recente entrevista no jornal Expresso, é mais afirmativo que nos seus livros quando declara “o bem e o mal são categorias biológicas”. Mas saberá ele o qual é, em filosofia, o sentido de “categoria”? O que está em causa é a atribuição de um sentido às perceções sensitivas e sensoriais.

Por muito difícil que seja para nós, afirma Daniel Serrão, o sentido atribuído pelo eu às suas perceções existe antes da palavra que o representa e o comunica aos outros. Acontece até que, para sentidos mais profundo ou mais complexos e em relação a perceções mais subtis nós usamos esta expressão – *“não tenho palavras para vos dizer e explicar o que senti”*.

Sentir é dar sentido

O sentido pode ser estético, ético ou racional.

Na criança é só estético, no adolescente é estético e ético, no adulto é, ao mesmo tempo, estético, ético e racional. O peso relativo destes três diferentes modos de atribuição de sentido, varia, portanto, com a idade. Autores modernos, como Goldeberg, afirma que com o avançar da idade a avaliação estética e ética das perceções predomina sobre a avaliação racional. O idoso olha e aprende o mundo pela sua beleza e pela sua dignidade mais do que pela sua utilidade técnica ou pelo seu valor económico-financeiro. Mas o fenómeno em si, a atribuição de um sentido às perceções não tem explicação neurobiológica. É um acontecer, um emergir, na consciência cognitiva – que pode ter consequências fisiológicas como a palidez do medo ou os suores frios da angústia. Mas a palidez não explica a atribuições do sentido expresso pela palavra medo nem os suores frios explicam a angústia.

A atribuição de um sentido estético às perceções é referido por Damásio como uma emoção e reconhece, seguindo Darwin, seis tipos principais de emoções que têm a ver com

estratégias de sobrevivência das pessoas individuais, num meio social hostil e numa natureza ameaçadora.

Estas estratégias são o medo, a revolta, tristeza, aversão, surpresa e felicidade que podem ter reações diferentes em pessoas diferentes. Isto é, numa situação concreta, uma qualquer emoção emerge em consequência de uma situação cognitiva, não o sabemos. Mas sabemos que a mesma situação pode causar medo a uma pessoa, surpresa a outra e, até, felicidade a uma terceira.

Dois factos novos forçam, hoje, a uma revisão concetual

O primeiro facto é que, ao longo da vida, há regeneração neuronal. Parte dos neurónios perdidos são substituídos por neurónios novos produzidos a partir da mobilização de células *stem* residentes no próprio cérebro, que se deslocam através do tecido cerebral até ao local onde é necessária sua substituição.

O segundo facto novo é que o exercício funcional, desde a vida intrauterina configura a estrutura neuronal das áreas das quais depende essa função e as ligações sinápticas necessárias para a sua execução. A Ressonância Magnética Nuclear Funcional permite-nos calcular o número de neurónios numa área ativada e assim ficamos a saber que os condutores de autocarro da cidade de Londres, ou de outra cidade qualquer, duplicam o número de células do hipocampo durante a aprendizagem e memorização dos circuitos que têm de percorrer.

Este dado morfofuncional, confirmado nos jovens que começam a aprender a tocar violino, nas crianças que aprendem duas línguas como línguas maternas veio a modificar a forma como pensávamos a atividade funcional cerebral: hoje sabemos que a relação da visão e da audição como um movimento tem um suporte neuronal. Mas sabemos também, que entre o som ouvido e memorizado, como na prática do violino, entre estes dois acontecimentos neuronais se insinua o sentido, a significância, que faz com que a execução de uma orquestra, como referiu Daniel Serrão, sejam diferentes para os ouvintes e o que torna diferentes essas performances.

Afirma Daniel Serrão, é o sentido que a autoconsciência que entre os sons de uma melodia atribui um sentido para o qual não temos explicação. Tal sentido emerge do treino

oto-motor que sabemos explicar mas, principalmente das suas biografias, das experiências cognitivas que, estruturam o seu eu pessoal, o seu carácter ou, como às vezes se diz, a sua sensibilidade. É seguro que num dia, no grande auditório da Fundação Calouste Gulbenkian, as interpretações destes fabulosos e lendários violinistas serão diferentes. Subtilmente, mas diferentes.

A diferença estará neles próprios, como pessoas concretas e reais e não no exercício oto-motores de produção dos sons memorizados. É aqui, neste processo algo misterioso que o sentido se transforma em sentimento. Por vezes, à saída de um concerto, ouvimos um espectador a dizer - ele hoje, tocou com sentimento. E está a dizer bem. Está a dizer que aquela pessoa incorporou o sentido, absorveu o sentido que é uma pura perceção emocional na sua autoconsciência e transforma-o num sentimento.

A este sentimento a inteligência reflexiva humana vai depois atribuir um nome o que permitirá a partilha e a comunicação dos sentimentos pelo exercício verbal da conversação. Esta comunicação de sentidos e de sentimentos pode ser não-verbal, como nos mudos-surdos, e usar uma outra forma de linguagem que se baseia na observação visual de posições e movimentos.

Fica, então, claro e evidente que a atribuição de sentido e a transformação em sentimentos não depende da palavras que as representa, mas existe como conteúdo, puramente, espiritual, na autoconsciência que podem ser ou não muitas vezes, indizíveis como afirmou anteriormente Daniel Serrão.

3 NOTA FINAL: UMA LEITURA PARA O FUTURO

Que leitura para o futuro, para o Homem pós-moderno de que tanto se fala?

Jeffrey Schwartz no seu livro de *The Mind and the brain*, abre uma perspetiva nova que Daniel Serrão resume: é hoje seguro – diz Schwartz e Serrão está de acordo - que o cérebro não é aquele órgão endurecido que a anatomia mostra. Santiago Ramón Y Cajal mostram-nos que o cérebro é constituído por células livres que se ligam entre si por longos filamentos, como os tentáculos de um polvo. Estes filamentos são os neurónios e suas ventosas, as sinapses, abrem ou soltam-se consoante as necessidades funcionais. O cérebro

é, hoje, não um órgão rígido mas é um órgão dotado de uma extraordinária plasticidade que faz dele um órgão que se modifica ao longo da vida, que aprende e que esquece. Que pode mudar o sentido do que aprende e esquecer seletivamente. A remodelação das redes neuronais é permanente e depende, como Daniel Serrão procura mostrar com alguns exemplos já descritos, do exercício perceptivo sensitivo ou sensorial.

A questão de Schwartz é a seguinte: será que a própria atividade mental, como exercício autoconsciente, pode igualmente remodelar as sinapses e as redes neuronais, levando à emergência de novas aptidões. E aptidões não apenas mentais, intelectuais e abstratas mas também comportamentais?

Serrão lendo os resultados da investigação Schwartz – na sua teoria *humanus biológico* – diz que a partir de uma prática clínica que se pode designar por psicologia de intervenção, em casos como tiques compulsivos e comportamentos obsessivos, é possível remodelar por ação da mente os circuitos neuronais e mudar as respostas neuro-motoras, porque se usa o poder da mente para induzir a neuroplasticidade e alterar o modo como o cérebro executivo funciona. Esta é a convicção de Schwartz de que a mente pode, através do conhecimento e de esforços psicológicos dirigidos, dar novas formas aos processos neurobiológicos, induzindo mudanças nas atividades de avaliação das situações, da atribuição de sentido às percepções e, até, da construção dos sentimentos”.

REFERÊNCIAS

- SERRÃO, Danie. **Sentidos e sentimentos: uma leitura para o futuro.** (Manuscrito), Porto: Congresso SPROL, (30 de abril, 2009).
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **A natureza.** 2. ed., S. Paulo: Editora Martins Fontes, 2004.
- MENEZES, Ramiro Délio. Teoria do juízo, segundo Kant. In **Humanística e Teologia**, n. 23, p. 209-226, 2002
- SCHWARTZ, J.; S. Begley. **The mind and the brain.** Harper Perennial, New York, 2002.

<p>Recebido/ Received: 18/08/2020 Aceito/ Accepted: 09/09/2020 Publicado/ Published: 25/10/2020</p>
